

# ARAUTO



## Origem do nome Horta

1.º de Dezembro

A origem da palavra «Horta» tem sido motivo de vários estudos mais ou menos profundos. De entre eles podemos destacar o completo trabalho do escritor açoriano Osório Goulart e o não menos conhecido de António Ferreira de Serpa.

Muitas opiniões se arriscaram acerca da origem deste topónimo. A primeira é a do mais antigo cronista açoriano, Gaspar Frutuoso, nascido em 1522 e falecido em 1591, que nas «Saudades da Terra» (1580), escreveu «... para o poente está a Vila principal da ilha que se chama Vila de Orta, porque não há quintal nenhum que a não tenha e todas as casa dentro ou fora têm poços de água

com que as regam e muitas delas têm dois poços...»

Idêntica opinião apresenta Frei Diogo das Chagas, no «Espelho Cristalino» (1643), que, seguindo Frutuoso, lhe chama «Villa da Orta, porque aqui onde foi fundada era campo de ortas». E posteriormente, o P.º António Cordeiro, em sua «História Insulana» (1716), também diz mais ou menos o mesmo.

Se a origem fosse, porém, a citada, seria lógico que se chamasse «Vila das Ortas» e não «da Orta», o que não está esclarecido.

Como é intuitivo, as explicações de Chagas, Cordeiro e Frutuoso não satisfazem.

Observando documentos anteriores, entre eles um

alvará, datado de 1511, e passado pelo capitão Josse de Hurtere, lemos Vila Dorta. E em 1532, num «Instrumento público lavrado por ordem do Juiz da ilha do Faial...», aparece igualmente Dorta.

Dorta foi também como escreveu sempre a família Utra do 1.º Donatário desta ilha.

Nos séculos seguintes em todos os documentos públicos aparecem Vila Dorta e por fim de Orta.

O artigo (a) nunca surgia antes do topónimo.

Durante as lutas liberais começou-se a escrever «Vila da Horta». E o «da» continuou sendo, mais tarde, admitido quando a vila foi elevada à categoria de cidade.

Actualmente alguns escritores defendem que o nome de «Horta» teve a sua origem em «Hurtere», apelido do 1.º Donatário da ilha do Faial, opinião que tem sido combatida.

O eminente Dr. J. Leite Vasconcelos, no seu interessante «Conspecto de Etnografia Açórica», diz:

«Há quem suponha que Horta, nome da cidade ca-

Conclui na 2.ª página

A Mocidade Portuguesa comemorou condignamente o dia da Restauração de Portugal.

A's 9 horas, na Igreja Matriz, celebrou-se Missa, estando presentes o Delegado Distrital, os Directores do Centro Escolar N.º 1 e do Centro de Milícia N.º 26 e de alguns Centros Escolares Primários. Um pelotão da Milícia prestou guarda de honra e assistiu grande número de Filiados uniformizados. Dirigentes e Filiadas da M. P. F. também se associaram ao acto.

Foi celebrante o Rev. P.º Tomás Bettencourt e no momento da Comunhão o Rev. P.º Correia da Rosa, Assistente Religioso da M. P., proferiu uma breve homilia de exortação cristã e nacionalista.

Em seguida à Missa, realizou-se o desfile da Milícia pelas ruas da cidade.

A tarde, no Centro Escolar N.º 1 procedeu-se à entrega de insígnias aos novos Chefes de Quina, e no Estádio do F. S. C. disputou-se um encontro de futebol entre equipas do Centro Escolar N.º 1 e do Magistério.

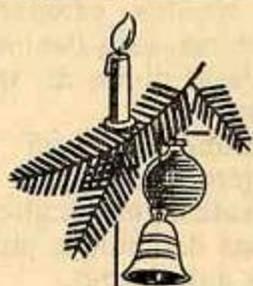
## Arte Portuguesa Contemporânea

No dia 6 de Dezembro, os Alunos do 3.º Ciclo do Liceu e do 1.º e 2.º Anos do Magistério Primário visitaram a Exposição de Arte Portuguesa Contemporânea, a convite da Fundação Gulbenkian, organizadora da exposição, e da Sociedade «Amor da Pátria», em cujo Salão de Festas estão expostos os 45 quadros de artistas portugueses.

Os Alunos, acompanhados pelo Vice-Reitor do Liceu, pelo Sr. Dr. Augusto Guerra e pelo Professor Sr. Fernando Melo, foram recebidos à entrada da Exposição pelo pintor Sr. Fernando Azevedo, que forne-

ceu aos visitantes diversas informações sobre o significado e objectivos da Exposição e sobre as técnicas de cada quadro e de cada artista. Depois, os Alunos tiveram a oportunidade de admirar mais detalhadamente os quadros expostos.

O «Arauto», expressando o sentir dos nossos Estudantes, agradece à Fundação Gulbenkian e ao «Amor da Pátria» a gentileza do convite, que nos veio proporcionar a oportunidade de tomarmos contacto com as correntes actuais da Pintura, Desenho e Gravura portugueses.



A TODOS OS SEUS ESTIMADOS COLABORADORES, ASSINANTES E ANUNCIANTES, «ARAUTO» DESEJA

BOAS FESTAS  
FELIZ ANO BOM

# Origem do nome Horta

Conclusão da 1.ª página

pital do Faial, se relaciona com o flamengo Van Hurter, primeiro donatário; não me parece justa a comparação, pois de Hurter veio o actual apelido Utra; e uma mesma palavra, na mesma época e localidade, não se tornaria assim, por um lado Utra, com um *u*, e por outro, Horta, com *o*.

Além disso, diz-se a Horta, com artigo definido, o que só acontece quando o nome é visivelmente «apelativo»

De uma maneira idêntica, Osório Goulart opina que a palavra «Horta» não pode derivar de Hurter, exprimindo-se assim:

«Considerações filológicas, porém, levam à conclusão de que Horta não pode provir de Hurter ou Hurtere: 1.º—porque deste apelido se derivou Utra na mesma época, justamente, em que se chamou Orta ao lugar que foi escolhido para vila, e uma palavra ou um fonema não pode evoluir ou ser modificado de dois modos diferentes, dentro da mesma época;

2.º—porque a alteração de cada fonema é gradual, insensível, e faz-se por uma série sucessiva de transições mínimas que não podem ser apreciados pelos que falam a língua e em nenhum documento antigo se encontra outro nome que anteriormente tivesse sido dado ao referido lugar e que, em virtude de uma lenta evolução fonética, alheia à vontade daqueles que falam a língua, viesse a dar o nome «Horta»;

3.º—porque há muito poucas palavras onde excepcionalmente se encontra *o*, na passagem para português, correspondendo a *u*, e foi por isso que de Hurter ou Hurtere, veio Utra. O cognome Utrana, sua evolução fonética, teve várias grafias, mantendo sempre o fonema *u*, na adaptação portuguesa, em virtude de determinados fenómenos orgânicos da faculdade orgânica da língua.

Ora a evolução fonética

é um fenómeno inconsciente que está subordinado a leis constantes, às quais nenhuma língua viva pode eximir-se.

De resto, o 2.º Donatário da ilha do Faial, falecido em 1549, era conhecido por Jos Dutra (de Hurtere) e a Horta foi feita vila no tempo dele, em 1498. Se o nome derivasse de Hurtere, seria Vila de Utra ou Dutra e não Horta.

Vistos, porém, os factos por outro prisma, eles contradizem-se.

A ilha do Faial foi primitivamente colonizada com flamengos e alemães, cerca do ano 1466, vindos da Flandres, por encargo da Duquesa Isabel de Borgonha, mulher de Filipe, o Bom, e Infanta de Portugal.

No ano 1464, Josse de Hurtere obteve do Infante D. Fernando, Mestre da Ordem de Cristo, a capitania da mesma ilha.

Nada mais natural, afirma Ferreira de Serpa, que à principal povoação fosse dado por ele ou por outrem o nome de Hurtere ou Hortere. E assim teríamos Vila de Hurtere ou de Hortere.

Mas, passados trinta anos, segundo informações de Valentim de Morávia, já não falavam a sua língua, sem dúvida pela grande avalanche de colonos vindos do Continente, do Minho e Algarve, com quem contactavam diariamente.

Seria neste período, em que se misturaram ou fundiram flamengos com portugueses, que a Vila de Hurtere ou de Hortere passaria a chamar-se Vila de Hurte ou de Horte e, finalmente de Orta (Horta).

Em síntese, expostas as opiniões dos que através dos séculos estudaram o problema, este continua insondável ponto de interrogação.

Insondável, será talvez exagero, porque nos ficam, em suma, duas explicações, ambas defendidas por pessoas autorizadas.

Qualquer delas pode ser aceitável.

# FRANKLIN

## Inventor do Pára-Raios

(Adaptação)

labirinto dos barcos ancorados.

Se era certo que o seu amor à liberdade e à natureza tornavam mais triste para ele o ambiente da oficina de seu pai, não era menos verdade que foi sempre obediente, e não faltou nunca às suas obrigações. Só pela noite se entregava aos seus devaneios. Durante o dia cumpria a vontade de seu pai.

Observando-o continuamente, o pai reconheceu por fim que o filho nunca seria nada naquele ofício. Finalmente tomou a resolução de mandar o pequeno aprender outro, que fosse porventura mais adequado ao seu gosto.

E a título de experiência, meteu-o como aprendiz da casa dum cutileiro. Mas não era ali, ainda, que o destino lhe marcava o lugar.

Ora o irmão mais velho do nosso artista trabalhava numa tipografia que fundara. E o pai disse um dia:—Ouve, Franklin: Vejo que não te pudeste habituar nem ao meu ofício, nem ao de cutileiro. Eu ficarei com a ajuda de teu irmão mais novo, que já está crescendo, e tu com essa tendência que tens para os livros, ficarás melhor, se fores trabalhar na tipografia de teu irmão. Ali, mais fácil te será arranjar livros para estudares.

Franklin pulou de alegria ao ouvir tais palavras. Há muito desejava abraçar aquela profissão, pois tudo quanto se relacionasse com as letras o fascinara.

No seu novo ofício Franklin adaptou-se rapidamente, enquanto se dedicava às suas leituras.

E sendo Boston, nessa época, como ainda hoje é, a cidade mais literária, o irmão de Franklin tornou-se também dono de um jornal que fundara, do qual Franklin foi também apre-

Há duzentos e cinquenta e cinco anos, quando a América do Norte se encontrava ainda sob o domínio dos Ingleses, nasceu na cidade de Boston, Benjamim Franklin. Era o décimo filho de pais bastante pobres. O chefe da família, muito numerosa, tinha escassos ganhos numa pequena fábrica de velas de cebo, de que era possuidor.

Logo desde tenra idade mostrou grande aptidão para o estudo, não se importando com a fábrica de velas de seu pai.

Então, o bondoso pai, desejando aproveitar a inclinação manifestada pelo filho, sonhou fazer dele padre. Com este fim o mandou à escola. Mas, por falta de recursos, resolveu tirá-lo daquela escola e pô-lo noutra, mais modesta, onde Franklin aprendeu a ler, escrever e contar.

Aos dez anos, Benjamim saiu da escola. O pai entendeu ser altura de o meter ao caminho da vida. E resolveu ensinar-lhe o seu ofício. Começou então com bastante paciência a transmitir-lhe os segredos da sua indústria. Porém os pensamentos dele fugiam da banca do trabalho manual e procuravam no infinito o estudo doutra inspiração. Nas suas periódicas idas à praia, tomou conhecimento com alguns velhos marinheiros. Estes admiravam a sua destreza, ao verem como ele por si próprio aprendera a nadar, qual peixe, por entre um

E, se ambas podem ser verídicas, como rejeitar esta ou aquela?

É ponto que não discutirei, limitando o meu trabalho ao que ficou dito sobre as teorias formuladas pelos autorizados autores que citei, acerca da origem da designação da cidade da Horta.

Manuel Rodrigues Alberto

Escola do Magistério

Conclui na 3.ª página

## Futebol de Salão

### 4.ª JORNADA

6.º Ano, 4—4.º Ano, 3  
 Árbitro—José Aica  
 6.º Ano — E. Rocha; A. Quaresma, Honorato, Romão (Aurélio) e Carmo.  
 4.º Ano—C. Machado; S. Machado, H. Quaresma, P. Luis e J. Castro.

1.ª Parte: 3-0 a favor do 6.º Ano.

Marcadores: A. Quaresma (3) e Carmo, pelo 6.º Ano, H. Quaresma marcou os tentos do 4.º Ano.

Comentário: Jogo disputado com muito entusiasmo, em que há a salientar a magnífica recuperação do 4.º Ano.

Vitória justa do 6.º Ano, porquanto esta equipa foi melhor em campo.

Arbitragem regular.

7.º Ano, 3—5.º Ano, 1  
 Árbitro—A. Quaresma.

7.º Ano—M. Avelino; M. Amaral, H. Amaral (Mesquita), Aica e Carrinho.

5.º Ano—Magalhães, M. Henriques, C. Antero, Labescat e M. Rosa.

1.ª Parte: 0-0.

Marcadores: Aica (2) e Mesquita pelo 7.º Ano. O ponto de honra do 5.º Ano foi obtido por Labescat.

Comentário: Jogo de fraco nível, em que ganhou a equipa que fez mais golos.

Arbitragem regular.

### 5.ª JORNADA

7.º Ano, 7—6.º Ano, 6  
 Árbitro—M. Lourenço.

7.º Ano — M. Avelino, Mesquita, M. Amaral, Aica e Carrinho.

6.º Ano — E. Rocha, A. Quaresma, Honorato, Naia e Romão. Supl. Aurélio e Carmo.

1.ª Parte: 5-3 a favor do 7.º Ano.

Marcadores: Pelo 7.º Ano marcaram: Aica (3), M. Amaral (2), Mesquita e Carrinho. Quaresma (3), Carmo (2) e Honorato, foram os autores dos golos do 6.º Ano.

Comentário: Jogo bem disputado, com muita garra e muito desportivismo. Vencedor certo, para um jogo em que o resultado esteve sempre incerto.

Arbitragem boa.

4.º Ano, 5—5.º Ano, 1  
 Árbitro—J. Aica.

4.º Ano — Machado, S.

# DESSPORTOS

Machado, J. Castro, H. Quaresma e P. Luis.

5.º Ano—Miguel, M. Henriques, C. Antero, M. da Rosa e Labescat.

1.ª Parte: 3-1 a favor do 4.º Ano.

Marcadores: Quaresma marcou todos os golos do 4.º Ano e M. Henriques fez o golo do 5.º Ano.

### 6.ª JORNADA

5.º Ano, 3—6.º Ano, 1  
 Árbitro—J. Aica.

5.º Ano — Magalhães, J. Alberto (M. Rosa); C. Antero, Paiva (Labescat) e M. Henriques.

6.º Ano — E. Rocha; M. Carmo, Naia, A. Quaresma e Aurélio.

1.ª Parte: 1-0 a favor do 5.º Ano.

Marcadores: M. Henriques (2) e Labescat pelo 5.º Ano, Quaresma marcou pelo 6.º Ano.

Comentário: Vitória justa do 5.º Ano, porquanto esta equipa soube aproveitar-se do desnorteamento que se verificou na equipa adversária. Esta foi a primeira e única vitória do 5.º Ano. Há a salientar o guarda-redes Magalhães, que defendeu tudo e mais alguma coisa.

7.º Ano, 1—4.º Ano, 2  
 Árbitro—A. Quaresma.

7.º Ano—M. Avelino, M. Amaral, Mesquita, J. Aica e Carrinho (H. Amaral).

4.º Ano—C. Machado, S. Machado, H. Quaresma, J. Castro e P. Luis.

1.ª Parte: 2-1 a favor do 4.º Ano.

Marcadores: J. Aica pelo 7.º Ano, Quaresma e S. Machado pelo 4.º Ano.

Comentário: Jogo de muitos nervos, pois a equipa que ganhasse por mais golos ainda poderia ter aspirações ao primeiro lugar. Tal não sucedeu porém, visto que o resultado de 2-1, não permitiu à equipa do 4.º Ano tornar-se campeã. O resultado mais certo seria o empate.

### Classificação final

Equipas	J	V	E	D	Golos	P
6.º Ano	6	4	-	2	25-19	8
4.º Ano	6	4	-	2	17-12	8
7.º Ano	6	3	-	3	21-20	6
5.º Ano	6	1	-	5	10-22	2

### Melhores marcadores

1.º Helder Quaresma (4.º Ano) 13 golos—2.º Amilcar Quaresma (6.º Ano) 12—3.º José Aica (7.º Ano) 8—4.º Raimundo Mesquita (7.º Ano) 7—5.º Mário Amaral (7.º Ano) 5—6.º Mário Carmo (6.º Ano) 5.

Liceu 0 — Magistério 1

Árbitro — Sr. Eduardo Garcia.

Liceu—C. Machado (4.º Ano); M. Henriques (5.º Ano); J. Castro (3.º Ano); H. Amaral (7.º Ano); M. Amaral (7.º Ano) e Mesquita (7.º Ano).

Magistério — R. Silveira; J. Joaquim; F. Faria; M. Garcia; J. Pacheco e A. Dutra.

1.ª Parte 0-0.

Golo de Pacheco aos 5<sup>m</sup> do segundo tempo.

### Quadro geral das provas desportivas do C. E. 1

#### ANDEBOL

1958-1959—3.º Ciclo  
 1959-1960—5.º Ano  
 1960-1961—3.º Ciclo  
 1961-1962—7.º Ano

#### BASQUETEBOL

1959-1960—5.º Ano  
 1960-1961—3.º Ciclo

#### PING-PONG

1958-1959—H. Porto  
 1959-1960—M. Alberto  
 1960-1961—M. Alberto

#### Por equipas

1960-1961—3.º Ciclo

#### VOLEIBOL

1960-1961—3.º Ciclo

#### FUTEBOL DE SALÃO

1960-1961—4.º Ano  
 1961-1962—6.º Ano  
 1962-1963—6.º Ano

#### TIRO

1961-1962—Jorge Deniz

#### Atletismo

##### Recordes do Liceu

80<sup>m</sup>.—Honorato Furtado 9,8s.—100<sup>m</sup>. Honorato Furtado 12,2s.—200<sup>m</sup>. Victor Pereira 25,7—300<sup>m</sup>. Victor Pereira 40,7—800<sup>m</sup>. Mário Amaral 2-21,2—1000<sup>m</sup>. Mário Amaral 3-09,6 — 4x80 3.º Ciclo (Jaime Neves, Humberto Amaral, Carlos Garcia e M. Lourenço) 41,2s. 4x100 3.º Ciclo (H. Porto, M. Lourenço, C. Garcia e Emircio) 52,9s.

Altura—Mendonça Nunes 1,51

Comprimento - Victor Pereira 5,40

Triplo -- Victor Pereira 11,50

Peso—Mário Garcia 11,59

Disco — Mário Garcia 28,70

Dardo — Carlos Garcia 36,90

4x1000 — 2.º Ciclo (J. Humberto, F. Guerra, A. Quaresma e M. Amaral) 12<sup>m</sup>53,6.

## FUTEBOL

### Liceu 0 — Magistério 1

No passado dia 1 de Dezembro, disputou-se no Estádio do F. S. C., um desafio de Futebol, entre as equipas do Liceu e do Magistério. O jogo foi disputado com muito entusiasmo, e por vezes com certa dureza, especialmente nos últimos minutos do encontro.

O resultado final foi favorável ao Magistério como poderia ter sido favorável ao Liceu, sendo quanto a nós o empate o resultado mais justo.

Sob a arbitragem do sr. Mário Simas, coadjuvado por Eduardo Rocha e Sérgio Machado, a equipas alinharam:

Liceu—M. Henriques; M. Carmo; R. Mesquita; A. Quaresma; H. Quaresma; L. Naia (M. Rosa); Honorato; M. Amaral; J. Aica (Aurélio); J. Castro e L. Pereira.

Magistério — M. Garcia; Renato e Almeida; Joaquim; Antero e G. Baptista; C. Baptista; Juca; Vasques; Faria e Artur.

1.ª Parte 0-0.

Aos 22 minutos do 2.º meio tempo, Juca do lado direito cruzou por alto, M. Henriques saiu para captar o esférico mas Vasques antecipando-se bem, mandou a bola para o fundo das redes.

Também neste 2.º tempo, aos 28<sup>m</sup>, Renato dentro da grande área fez falta sobre L. Pereira, sendo apontado pelo árbitro «penalty».

Quaresma marcou o castigo máximo com um bom remate, a que M. Garcia correspondeu com uma defesa ainda melhor.

A arbitragem do sr. M. Simas foi satisfatória e acima de tudo imparcial.

# -- Milícia --

Com uma numerosa frequência, está em pleno funcionamento o Centro de Milícia N.º 26, com sede na nossa cidade. Dado o facto de os Filiados deste Centro serem todos Alunos do nosso Liceu, o «Arauto» dedica esta secção especial à Milícia, publicando notícias das instruções e actividades e fornecendo apontamentos de ordem técnica.

## ACTIVIDADES

O Centro de Milícia funciona no quartel da B. I. D. C. 1. No último número já nos referimos à criação do Centro e à constituição do quadro de Dirigentes. Sob a orientação desses Dirigentes realizaram-se as provas de admissão em que participaram muitos Filiados da M. P., tendo quase todos sido admitidos.

O Centro conta, assim, com uma frequência de cerca de 40 Filiados, que estão a participar com muito interesse nas instruções, sendo de prever absoluto êxito para as actividades. Para já, é animador o efeito provocado no meio cívico pela participação da Milícia nas comemorações do 1.º de Dezembro, em que um pelotão, sob o comando do C. C. Manuel José Carrinho, prestou Guarda de honra na Missa mandada celebrar pela Delegação Distrital da M. P., na Igreja Matriz, desfilando em seguida, garbosamente, pelas ruas da cidade.

## Regulamento de Continências e Honras Militares

1—Todo o militar tem por dever respeitar sempre os seus superiores, tanto no serviço como fora dele. Esse respeito manifesta-se exteriormente pela atitude perante eles e pela *continência-militar*, que constitui além da saudação um sinal de entendimento e de confiança mútua entre companheiros de armas que se dedicam a uma causa comum. A continência é pois um dever militar e a falta a este dever constitui uma infracção de disciplina.

2—A continência militar é feita de cabeça levantada dirigindo natural e franca-

mente a vista para o superior; estende-se com energia o braço direito horizontalmente à altura do ombro e obliquamente para a frente, e, dobrando o antebraço sobre o braço leva-se a mão com a palma voltada para a frente e dedos bem unidos a tocar com a última falange do dedo indicador no bordo interior da cobertura da cabeça, por cima do olho direito.

3—Desfaz-se a continência deixando cair natural e rapidamente o braço direito, ao lado.

4—A continência feita incorrectamente ou ombro a ombro considera-se como não feita para efeitos disciplinares.

## ESPINGARDA MAUSER

Calibre 7,9 Mod. 904

É uma arma individual e de repetição

DIVISÕES — 10 partes principais

- 1.ª—Cano e caixa da culatra
- 2.ª—Culatra móvel
- 3.ª—Aparelhos de pontaria
- 4.ª—Mecanismo de disparar
- 5.ª—Mecanismo de carregamento
- 6.ª—Mecanismo de detenção e ejeção
- 7.ª—Coronha
- 8.ª—Guarnições
- 9.ª—Acessórios
- 10.ª—Sabre baioneta

## DO GUIA DA MILÍCIA

Finalidade da Milícia

Art. 1.º — A Milícia da Mocidade Portuguesa tem por fim a preparação militar dos filiados cadetes, nos termos consignados nas leis militares, em complemento da instrução ministrada nos Centros de Formação Geral, sem prejuízo da formação integral que dentro do programa geral da O. N. M. P. lhe cabe.

Acção da Milícia

A formação integral da Juventude só poderá ser conseguida, na sua plenitude, através da acção da Família, da Igreja, da Escola e da Organização Nacional Mocidade Portuguesa.

Embora—e aqui reside o virtuosismo do sistema—a acção de cada uma daquelas Instituições se desenrole em ambiente e por processos e meios diferenciados, todos os esforços de-

vem ser conjugados, pois visam um fim comum.

Colocando o rapaz em ambiente e situações que lhe são próprias, a Mocidade Portuguesa procura, completar a acção daquelas Instituições, valorizando física e moralmente os homens de amanhã, desenvolvendo neles o espírito de iniciativa, de disciplina, de decisão, de ordem e de método, o gosto pelas responsabilidades, o fortalecimento da vontade e o sentimento do dever e da honra.

A' Milícia, enquadrando os filiados mais velhos e ensaiando-lhes os primeiros passos da sua preparação militar, cabe papel de relevo dentro desta alta missão.

## REGULAMENTO DE DISCIPLINA MILITAR

### ARTIGO 4.º

O militar deve regular o seu procedimento pelos ditames da virtude e da honra, amar a Pátria, guardar e fazer guardar a Constituição Política em vigor e mais leis da República, do que tomará compromisso solene segundo a fórmula adoptada, e tem por deveres especiais os seguintes:

21.º—Não tomar parte em qualquer jogo quando lhe seja proibido por lei;

22.º—Respeitar as autoridades civis, tratando por modo conveniente os respectivos agentes;

23.º—Não infringir os regulamentos e ordens da policia e administração pública;

24.º—Não se embriagar e conservar-se pronto para o serviço, evitando qualquer acto imprudente que possa prejudicar-lhe o vigor ou a aptidão física ou intelectual;

25.º—Manter toda a correcção nas relações com os camaradas, evitando rixas, contendas ou discussões prejudiciais à harmonia que deve existir nas corporações militares;

26.º—Ser moderado na linguagem, não murmurar das ordens de serviço, não as discutir, nem referir-se a superiores por qualquer forma que denote falta de respeito;

27.º—Não tomar parte em manifestações colectivas atentórias da disciplina, nem promover ou auto-

## ARAUTO

Editor—Dr. Tomaz da Fosa  
Redactores—José A. Aica  
Manuel Carrinho  
Redactor desp.—Humberto Amaral  
Orientador gráfico—Carlos Goulart  
Administradores—Luís Gonçalves  
Luís M. Arruda  
Redacção e Administração  
LICEU NACIONAL DA HORTA

rizar iguais manifestações, devendo como tais ser consideradas não só as reclamações, pedidos, exposições ou representações verbais ou escritas referentes a casos de disciplina ou de serviço que, tendo um fim comum, sejam apresentadas por diversos militares, colectiva ou individualmente, ou por um em nome de outros, mas também as reuniões que não sejam autorizadas por lei ou por autoridade militar competente;

28.º—Não assistir nem tomar parte, sem autorização superior, em comícios ou outras reuniões públicas em que se trate de assunto de carácter político, salvo no exercício de funções parlamentares;

29.º—Não aceitar dos seus inferiores quaisquer homenagens que não sejam autorizadas superiormente;

30.º—Tratar os inferiores com moderação e benevolência;

31.º—Ser prudente e justo na exigência do cumprimento das ordens dadas;

32.º—Ser sensato e enérgico na repressão pronta de qualquer desobediência, falta de respeito ou de outras faltas em execução, usando para esse fim dos meios coercivos que os regulamentos facultam;

33.º—Participar sem delongas à autoridade competente a existência de algum crime que descubra ou de que tenha conhecimento;

34.º—Recompensar os seus subordinados, quando o merecem, pelos actos por eles praticados ou porpor superiormente a recompensa adequada se a julgar superior à sua competência;

35.º—Castigar nos limites das suas atribuições os seus inferiores pelas infracções que cometerem, participando superiormente quando ao facto julgue corresponder pena superior à sua competência;

Conclui na 8.ª página

*Auxilie os seus Colegas  
comprando o seu  
material escolar na  
Cantina da Mocidade*

# Rabbiatrac

**TINTAS**  
para todos os fins e aplicações

*Agentes distribuidores  
no Distrito*

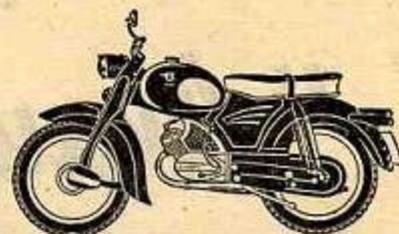
**Júlio Dutra d'Andrade & Macedo, L.<sup>da</sup>**

## ZÜNDAPP

Já chegou a 10.<sup>a</sup> remessa de bicicletas motorizadas

### Zündapp Falconette Modelo KS 50

com 4 velocidades, mudança de pé, arranque por pedal (Kickstarter)  
pneus super-balão 21x2.75, assento corrido, porta-bagagem cromado



e já chegaram

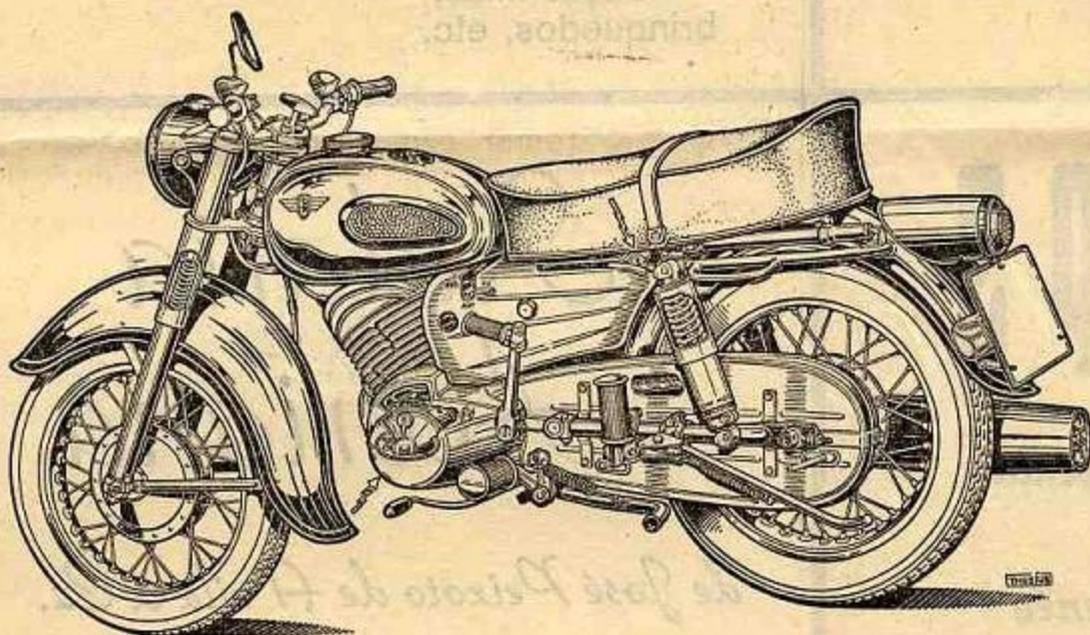
*Motociclos*

## Zündapp

TROPHY - S 175  
e TROPHY - S 250  
de 175 e 250 cm<sup>3</sup>

**Únicos com arranques eléctricos!**

*Karl-Heinz Götzner*



é o Café  
da «Malta»

**«Café Voliga»**

*Não esqueça:*

Se no Comércio o reclame  
é tudo, cá vai um pouco

## Os Soares

com mais 1 Auto  
Mercedes a gasolina  
último modelo, su-  
põem satisfazer hoje  
melhor que nunca

telefone 213

Se quer ser bem  
atendido e deseja  
bons trabalhos  
dirija-se à

*Sapataria*

## LECOQ

Rua Walter Bensaúde

HORTA

Confie a execução  
dos seus trabalhos  
fotográficos à

*Fata*

## Azul

RUA WALTER BENSÁUDE

# João Silva

RÁDIO - TÉCNICO

Reparações em todas as marcas de  
Rádios,  
Receptores,  
Amplificadores de som,  
Emissores,  
Etc.

# Mercearia Favorita

Tudo de mercearia,  
vinhos,  
doçaria  
e compotas

BOM ARTIGO  
BOM ACOLHIMENTO  
MAIS BARATO

*é o lema da Favorita*

COMPRE  
LEIA  
DIVULGUE

# "Arauto"

*a jannal dos Estudantes*

Na Secção de Papelaria da Firma

## Manuel Alexandre da Silva (Herdeiros)

RUA WALTER BENSÁUDE, 10

Encontrará todo o material da  
especialidade, bem como  
louças finas,  
brinquedos, etc.

# PHILIPS

apresenta

**12 modelos totalmente  
transistorizados**

GRANDES FACILIDADES  
DE PAGAMENTO

AGENTES-OFICIAIS

## FRANCISCO J. CAMPOS, L.<sup>DA</sup>

# Padaria Açoriana

*de José Peixoto de A'vila & Ca.*

Fabrico e distribuição de pão

Artigos de Mercearia

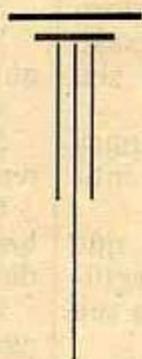
Vinhos

Cervejaria

## PADARIA AÇORIANA

PRAÇA DO INFANTE

# Matezial Escolaz



PAPELARIA  
DO

CORREIO DA HORTA

PARA SI,  
CAVALHEIRO

temos a certeza de lhe apresentar tudo o que deseja por preços que não esperava, em lindos modelos exclusivos para campo e cidade.

CASA ARRUDA HORTA  
CALÇADO — LANIFÍCIOS — ALGODÕES

## Não hesite...

DIRIJA OS SEUS PASSOS A

*Mercearia*

# Athou Amaral

COM O MAIS COMPLETO SORTIDO  
DE MERCEARIA FINA

TELEFONE 139

## Baterias Sonnenschein

com BATERIAS SONNENSCHN

V. Ex.<sup>a</sup> terá no seu automóvel, melhor luz,  
melhor buzina e melhor arranque

6 e 12 Volts de 31 a 200 Amperes

Sempre em depósito no Agente Geral para os Açores

*António Gonçalves da Rosa*

Largo da Matriz, 6 HORTA

TELEFONE 214

OURIVESARIA e RELOJOARIA

# Olimpia

HORTA-FAIAL

Agente oficial dos relógios

Omega, Tissot, Aureus, Zinal, etc.

Artigos para brindes em ouro e prata

CASA FUNDADA EM 1928

TELEFONE 311

*Novas Brindes*

# Mila Nestlé

à sua escolha, apenas com 2 rótulos pequenos  
ou 1 grande de MILO NESTLÉ e

Esc. 12\$50	1 almoçadeira no valor de cerca de 20\$00
» 30\$00	1 estojo de desenho » » » » 50\$00
» 40\$00	1 boneca regional » » » » 60\$00
» 50\$00	1 bola de futebol » » » » 70\$00

As entregas dos brindes fazem-se nos escritórios de  
**António Pereira do Amaral & Filhos, Lda.**

Alimento para o Estudante

*Combate o cansaço  
Aumenta a capacidade de trabalho  
Fornece energia para todo o dia*

à venda em todos os estabelecimentos

AGENTES DISTRITAIS

**António Pereira do Amaral & Filhos, Lda.**

## A FESTA DE SANTA CATARINA EM CASTELO BRANCO

A festa de Santa Catarina celebra-se no dia 25 de Novembro, na pitoresca freguesia de Castelo Branco.

Aproximadamente, no meio da freguesia e num aprazível sítio, encontra-se a Igreja, que, embora modesta, tem um agradável e acolhedor aspecto.

A rodeá-la, casinhas brancas, espalhadas por toda a freguesia, misturam-se com o verde dos campos, podendo então observar-se uma paisagem encantadora, quando o sol irradia, por toda a Natureza, os seus raios luminosos, como uma poalha dourada.

Celebram-se lá, diversas festas religiosas e todas elas com bastante solenidade.

Mas, entre todas, merece especial referência a tradicional festa de Santa Catarina, padroeira da freguesia, a festa religiosa mais importante que lá se efectua, e talvez a mais concorrida de toda a ilha.

De todas as partes surgem forasteiros, que vem assistir aos soleníssimos festejos, e muitos deles tomando parte na procissão.

De manhã, celebram-se algumas missas, sendo geralmente ao meio-dia, cantada a «missa da festa», com sermão.

Acabada esta, começam a organizar a procissão imediatamente.

Nela se incorporam as irmandades locais, algumas filarmónicas, quase todas as imagens da Igreja, meninas que levam pendões e, além disto, numerosos fiéis; uns pagando promessas, outros apenas acompanhando.

Acondicionado tudo, o cortejo desfila, ouve-se a música, «estralejam» foguetes em todo o percurso. O chão está coberto de verdura e flores, e em todas as janelas se vêem colchas. Arcos e bandeirinhas ajudam a ornamentar o caminho. Enfim, tudo isto contribui para que a procissão apresente aspecto magnífico e encantador.

Depois, costuma haver no adro da Igreja arraial com quermesse e arrema-

tações, sendo este também bastante concorrido e animado.

Como é a minha freguesia Natal, não posso deixar de manifestar o meu interesse e admiração pela festa de Santa Catarina, aliás, pela encantadora freguesia de Castelo Branco.

Maria Noélia de Serpa  
2.º Ano

## Franklin, inventor do Pára-Raios

Conclusão da 2.ª página  
ciado colaborador. Adquirira fama. Mas tendo-se desentendido com o irmão, encontrava-se algum tempo depois em Filadélfia noutra tipografia, cujo director vendo a grande inteligência do jovem, o começou a tratar como filho.

Uma noite, enquanto Franklin passeava sozinho (tinha 17 anos) desencadeou-se no céu tremenda tempestade, acompanhada de trovões. Franklin subiu a um ponto mais alto donde se avistava a cidade.

De repente um espantoso raio caiu num prédio varando-o de alto a baixo. Franklin acorreu ao lugar do incêndio e viu como as chamas devoravam vidas e haveres. De regresso a casa, vinha pensando numa maneira possível de dominar os raios. Toda a noite, sentado na sua mesa de trabalho, pensava na circunstância científica da electricidade ser uma força atractiva. Observara que os telhados ponteados atraíam os raios; viu que um objecto terminando em ponta podia atrair a fiação eléctrica. Lançou-se então de alma e coração ao estudo desse principio fisico. E daí lhe nasceu a ideia do pára-raios, de que foi inventor. Logo começou com aturadas experiências que lhe roubavam todo o tempo que tinham de folga, mas vieram a ser coroados de êxito. Deslocou-se a Londres para estudar. Regressou depois à América e casou.

Mais tarde foi eleito deputado e incumbido, durante a guerra da Independência

## Regulamento de Disciplina Militar

Conclusão da 4.ª página

36.º—Procurar impedir, até com risco de vida, qualquer flagrante delito e prender o seu autor nos casos em que a lei o permita;

37.º—Não intervir no serviço de qualquer autoridade, prestando contudo auxilio aos seus agentes quando estes o reclamem;

38.º—Não fazer uso de qualquer arma sem ordem ou sem a isso ser obrigado pela necessidade imperiosa de repelir uma aggressão contra si ou contra o seu posto de serviço;

39.º—Entregar as armas quando o superior lhe intimar ordem de prisão.

40.º—Não consentir que alguém se apodere ilegalmente das armas do seu uso.

41.º—Usar de toda a correcção nas suas relações com a sociedade civil, tratando com as atenções devidas todas as pessoas, especialmente aquelas em casa de quem estiver aboletado, não lhes fazendo exigências contrárias à lei nem ao decoro militar.

2.º—Declarar fielmente o seu nome, graduação número, companhia, unidade, estabelecimento ou navio, em que servir, quando tais declarações lhe sejam exigidas por superiores ou solicitada por autoridade competente.

### ARTIGO 7.º

As penas applicáveis são as seguintes:

1.º—Repreensão;  
2.º—Repreensão agravada;  
3.º—Prisão simples até dez dias.

4.º—Prisão disciplinar até dez dias;

5.º—Prisão disciplinar agravada até trinta dias;

6.º—Inactividade de dois a seis meses.

### ARTIGO 15.º

As penas applicáveis a sargentos são as seguintes:

1.º—Repreensão;

dência dos Estados Unidos de uma missão importante à Europa, em que foi bem sucedido. Veio a morrer em 1790.

Fernando Magalhães Gonçalves

5.º Ano B

2.º—Repreensão agravada;  
3.º—Detenção até vinte dias;

4.º—Perda de vencimentos (gratificação) até vinte dias;

5.º—Prisão disciplinar até vinte dias;

6.º—Prisão disciplinar agravada até quarenta dias.

### ARTIGO 21.º

As penas applicadas a cabos são as seguintes:

1.º—Repreensão;

2.º—Repreensão agravada;

3.º—Patrulhas até oito quartos;

4.º—Guardas até oito;

5.º—Detenção até quarenta dias;

6.º—Perda de vencimentos (gratificação) até trinta dias;

8.º—Prisão disciplinar agravada até sessenta dias.

### ARTIGO 46.º

O tempo de cumprimento da pena de prisão disciplinar agravada não se conta para os efeitos de reforma nem de quaisquer recompensas.

### ARTIGO 47.º

O official punido com qualquer das penas de prisão simples, prisão disciplinar ou prisão disciplinar agravada somente perderá as gratificações de serviço e de comissão.

### ARTIGO 48.º

O official do exército punido com a pena de inactividade será transferido do governo ou da região militar a que pertence quando lhe for imposta a pena, não podendo voltar a servir no mesmo governo ou região militar durante dois anos, nem na guarnição a que pertencia durante quatro anos, sendo os referidos prazos contados a partir do dia immediato àquele em que terminar o cumprimento da pena.

### ARTIGO 49.º

O official da armada punido com a pena de inactividade será transferido do estabelecimento, repartição, quartel ou navio a que pertencer, quando lhe for imposta a pena não podendo regressar à situação anterior antes de decorridos quatro anos depois do cumprimento da pena contados nos termos do artigo anterior.

## Aqui Coimbra

Conclusão da 10.<sup>a</sup> página

Segundo um comunicado da *Agência Róita*, os nossos ex-colegas tem passado uma série de tormentos, de tal sorte que alguns estão desalentados. Para começar, alguns deles foram *rapados* sem dó nem piedade e, como se isso não fosse suficiente, outros foram obrigados a ingerir doses mais que necessárias de *sumo de frutas* (uva). Resultado: condução a casa com escolta.

O mesmo comunicado informa que o ex-caloiro J. A., aluno de Geológicas, está vivamente interessado pelo estudo da Medicina. Diz-se até que talvez mude de curso, pois sente uma atracção especial pela Anatomia.

Em Coimbra tem sido sentida a falta do valentão Luis António, que se destinava a «mártir» da *praxe*, mas por mais que o procurem, ele não aparece porque se encontra em Lisboa.

## Como eles são na Milícia

—O T. mais novo, mais conhecido por «patagónia», por onde quer que ande faz barraca. Há dias, numa instrução da Milícia quando se estava a proceder ao alinhamento do pelotão, registou-se uma coisa curiosa. Estava tudo bem alinhado, só os pés do T. saíam fora da formatura bem uns 30cm. Erros de cálculo no fabrico dos sapatos?

—Mais atrás, na última fileira já não eram pés que se evidenciavam, mas sim uma colossal barriga que a princípio não conseguimos compreender a quem pertencia. Depois, com um encolher de ombros de resignação concluímos, tratar-se do S. M. pois no Liceu não deve haver ninguém que o bata em semelhante modalidade.

—O T. mais velho, que

## DO MAGISTÉRIO

—Chega-nos agora a notícia de que dois alunos do Liceu dedicaram o coração a meninas do Magistério. Um deles, o R., disse-nos que para bem dela cair teve de comprar uma mota e o outro confessou-nos que teve de rapar a barba para ela lhe ligar.

Quanto a elas, ambas concordam que, assim fardados à Milícia, eles ficam muito mais atraentes.

—Outra notícia que, muito em segredo, nos deram foi a de que a A. do 1.<sup>o</sup> Ano do Magistério tem tido todos os cuidados na preparação do seu futuro lar. Para começar, a reunião de dois ordenados não é nada má.

—Também a E. pensa deixar o Magistério e empregar-se como telegrafista. «O que mais aprecio nele, disse-nos, são as barbas».

—Voltamos a falar do Magistério pois esta é de facto das boas: não contentes já com o número de

*enforcados* que por lá existia, resolveram arranjar mais um.

Uniram então dois (um e uma) afamados tocadores de bandolim. Será que quem compor melodias como «mamãe eu quero»?

Coitadinho! Ele era tão bom rapaz!

—E já agora, mais uma para o Magistério: a R. resolveu voltar ao Liceu e o J. matriculou-se na Escola, para a Siá Professora lhe dar umas *explicações*. O pior é quando os colegas lhe roubam os sapatos e ele tem de aparecer descalço à pequena.

## Despantista

Os nossos agentes em serviço pelas freguesias rurais da Ilha chegam-nos com a notícia de que o C. do 6.<sup>o</sup> Ano está bastante satisfeito com o seu *engate* com uma conterrânea.

Ela diz que sempre gostou de desportos e que, agora que ele vai jogar no F. S. C., não quer outro.

## DO NOSSO CENTRO

—Foi nomeado auxiliar de instrução Geral do nosso Centro, o Monitor 2.<sup>o</sup> Sarg. Fernando Amaral Garcia Dutra.

—No dia 1 de Dezembro foram entregues as insignias aos Chefes de Quina que no Ano transacto frequentaram o respectivo curso com aproveitamento, e que a seguir se indicam por ordem de mérito:

Victor Manuel Silveira, José Decq Mota, Manuel da Rosa, Manuel Frias, Rui Pimentel, José Avelar Rosa, Carlos Manuel Simas, Carlos Manuel Ramos, Norberto Fraião, Serafim Araújo, Tomás Vieira, Diogo Fraga, Carlos Freitas Garcia, Fernando Machado, Herminio Freitas, José Câmara, Norberto Garcia, Manuel Martins.

frequenta também o Centro de Milícia parece que se anda treinando em combate antiaéreo pois constantemente anda a metralhar os aviões com fogo cerrado. E' claro que a arma usada por ele é moderníssima e, segundo ele (porque nós nunca vimos avião nenhum cair), de uma eficácia extraordinária.

## Na Avenida

O M. do 4.<sup>o</sup> Ano acaba de se embrenhar nos segredos do amor, por intermédio de uma menina dos anos mais atrasados.

Disse-nos ele que prefere a Avenida para cenário do seu *romance*. Disseram-nos que ele anda tão compenetrado que, quando está com ela, nem liga aos colegas.

(Redacção)

A primavera é considerada a estação mais bela do ano.

Nesta quadra os dias começam a ser mais longos e a temperatura mais amena infiltrando-nos assim uma nova vida.

Nas aprazíveis manhãs de primavera o Sol com os seus raios dourados espalha por toda a Natureza caudais de ouro, tornando-a ainda mais fascinante.

Nesta época a paisagem começa a embelezar-se com o crescimento das folhas nas árvores e o desabrochar das flores.

Nada há mais belo que admirar essas belas flores multicolores que ornamentam os jardins.

Sentimo-nos revigorar e acompanhamos o reviver da Natureza, que adormecera por três longos meses.

A minha Terra, o Faial, na Primavera fica encantadora e pitoresca com as maravilhosas hortênsias que se encontram nas bermas das estradas, merecendo por isso o nome de «Ilha Azul».

E' também na Primavera que as aves constroem os seus ninhos, desde os mais complexos, conforme a sua qualidade.

E' curioso observar o engenho, encanto e beleza com que as aves os constroem significando por si só uma complicada e admirável arte.

Fazem-nos seguríssimos e algumas delas da sua boca segregam saliva que prende os farrapos e palhinhas voláteis às franças, melhor do que cimento.

Os ninhos por fora geralmente confundem-se com o meio, em sua cor e aspereza, e por dentro emaranhados são macios como um regalo.

Mas não é só por isto que a primavera é bela. E' bela em todos os seus aspectos.

Maria Eduardina Vargas

2.<sup>o</sup> Ano

## OUTRA CARTA

Ainda no último número publicámos uma missiva de um aluno da nossa casa, endereçada a uma menina terceirense.

Desta vez, os nossos serviços de espionagem, usando processos ultra-secretos, foram deparar com um quintanista que já faz a barba, muito entusiasmado a escrever à eleita do seu coração a carta que publicamos na íntegra.

*Minha encantadora amiga  
Tantas e tantas vezes te  
tenho visto sem nunca te ter  
revelado o segredo do meu  
coração. Conversava contigo,  
via-te quase todos os  
dias, trocava impressões sobre  
livros, passeios, etc. e  
nunca me atrevi a dizer-te  
fosse o que fosse acerca  
deste affecto que nasceu den-*

*tro de mim, desde a hora  
em que te vi pela primeira  
vez.*

*Tu por certo adivinhaste  
nos mil nadas em que se  
revela o amor, o que eu há  
tanto tempo guardo para  
mim. Não te vai surpreen-  
der esta confissão.*

*E' que realmente a ver-  
dade é esta em toda a sua  
simplicidade—quero-te mui-  
to—e neste bem querer vai  
toda a razão de ser da mi-  
nha vida de ora em diante.*

*Confiado na bondade que  
se revela nos traços espiri-  
tualíssimos do teu rosto, fico  
a teus pés à espera da sen-  
tença que há-de salvar ou  
perder a minha alma que é  
tua escrava.*

Cautela, os excessos românticos são sempre perigosos.

## Júnior em acção

Há tempos, ao passarmos na Avenida, avistámos um par de bebés muito entusiasmados com o seu namorico. Como já fizemos no último número, vamos revelar a identidade do feliz lizado: J. O. do 3.º Ano.

???

—Quem é o menino do nosso Liceu que está ansioso pela chegada do Inverno para ter bastante água?

## Sociedade Tradutora, L. da

HUMBERTO, FERREIRA & AVELINO

Especializada em traduções de Latim Clássico, executa todos os trabalhos de tradução de linguas vivas, mortas, orientais e ocidentais.

Perfeição, Rapidez, Eficiência

## Alô, Alô, Aqui Lisboa

Segundo informações de última hora, 3 ex-alunos do nosso liceu refugiaram-se numa casa universitária da capital. Chamam-se Paiva Lima, Virgílio Brum e Pereira Luis.

Confessando pertencer à ignóbil classe do *caloírime*, (3 pontos abaixo de cão), foram submetidos ao tribunal académico. A sentença deu o crime como PROVA-DO.

Ao Paiva Lima coube pena mais ou menos leve e ficou às ordens do seu novo patrão, felizmente faialense (V. H. F.) que o trata com carinho e o vigia constantemente.

O *caloíro* Virgílio, denominado *caloíro de estimação*, foi contemplado com rigoroso castigo e as cenas do julgamento revestiram-se de grande dramatismo, desde os ultra-sumários trajos em que se apresentou, à apoteóse da leitura dos meretíssimos juizes.

Com um pedido (=cunha) de clemência de V.

H., Pereira Luis sofreu sentença *in extremis* e botou inflamado discurso de defesa.

A direcção da casa recusou de momento, mas vai ponderar nas medidas de redução do *sopeiral*, já que os distintos conterrâneos se ofereceram para esses serviços.

Uma chamada telefónica interceptada informa-nos que o Soares muda para Lisboa no próximo ano. Coimbra vai deixá-lo louco e o rapaz aprecia o sossego. Porém, mal sabe o que o espera...

Em breve os nossos serviços irão remeter mais notícias. TCHAU!

noticia da France Pressa

## Aqui Coimbra

Para os lados da «Lusa Atenas» (!!) as coisas também não tem sido muito agradáveis.

Conclui na 9.ª página

## Cine Praça da República

Sábado, 1-12-62

Pelas 23 horas

Apresentação da película

## ALVORADA

A História de três meninas zaragateiras que resolveram dar o toque de alvorada com um dia de atraso.

Empolgante filme de acção em que a policia é ludibriada de uma maneira deveras engenhosa

## Para o seu Ficheiro Biográfico

Nome: Manuel Avelino Faria e Castro

Data de nascimento: 19 de Setembro de 1940 (ano de azar)

Características: Baixo, gordo e com peneiras a conquistador.

Sinais especiais: Barba cortada há algum tempo.

Dizia ele que era para ver se elas gostavam.

Ficha Liceal: Frequenta o Liceu desde 1952, portanto há já onze longos anos. Oficialmente só *chumbou* um ano. Nos outros desistiu.

Sigam o exemplo de presistência deste vosso colega. Apesar de perseguido pelos mestres, nunca renunciou a tirar o 7.º ano pois julga ele, e com muita razão, que o saber não ocupa lugar.

Doenças: A última verificou-se ai por volta de 1960 e foi diagnosticada como «mal d'Antónia». Depois curou-se e agora goza de excelente saúde.

Gostos especiais: Estudar, especialmente Latim (pápinha feita).